

instituição

Serviços Gráficos da UBI A casa das letras

Desde diplomas de cursos até folhas de teste, passando pelas publicações científicas dos docentes e pelos documentos oficiais da Universidade, tudo é produzido nos serviços gráficos. Este espaço, que agora sofreu uma remodelação ao nível do equipamento, prepara-se também para uma maior abertura à indústria livreira.

Eduardo Alves



Vitor Tomás pretende dar uma nova dinâmica aos Serviços Gráficos

Custaram mais de 360 mil euros as novas fotocopiadoras da "reprografia". As novas máquinas recebem agora o olhar atento dos dez funcionários dos Serviços Gráficos e de Publicações da UBI. Este equipamento, "o mais avançado na sua área", segundo Vitor Tomás, responsável por este sector, é a fase final de um processo de remodelação no trabalho prestado pela "reprografia".

Os Serviços Gráficos preparam-se agora para levar em diante a ligação à página de conteúdos on-line da Universidade. Uma vez que o novo equipamento de impressão digital "está ligado à Internet", os alunos podem dispor de "uma multiplicidade de utilizações", explica o responsável pelos serviços gráficos. A ideia pensada por Vitor Tomás e que começa agora a entrar em funcionamento, vai no sentido dos docentes colocarem os conteúdos programáticos que vão ser dados nas disciplinas, "em páginas on-line, onde os alunos possam aceder e mandar imprimir". Posteriormente, "os alunos só têm de passar na reprografia e levantar as suas impressões".

O responsável vai mesmo mais longe e sublinha o facto "de os docentes terem a possibilidade de actualizar os conteúdos e os alunos serem alertados para essa mesma actualização". Todo o processo é feito sem gastos de tempo, sem atrasos e sem espera. Uma vez que "estas novas máquinas conseguem imprimir, quer a cores, quer a preto e branco, 120 cópias por minuto", reitera Vitor Tomás.

A marca da UBI

Todos os impressos que estão relacionados com a UBI, como é o caso das folhas de teste, dos envelopes oficiais "e dos diversos diplomas conseguidos na instituição" são produzidos nos serviços gráficos. Para além destas acções, ditas

grande expansão a nível nacional. Segundo o responsável pela reprografia, actualmente as publicações feitas na UBI "são apenas distribuídas para o estrangeiro por um representante e são vendidas na livraria da Biblioteca Central". Apresentar novos veículos de venda, "como as livrarias das grandes superfícies", são passos a dar num futuro próximo.

Projectos arrojados

Para todo o funcionamento deste espaço, onde se cruzam livros científicos, panfletos institucionais e sebetas dos alunos, existe "uma verba atribuída pelo orçamento da UBI", explica Vitor Tomás. Este responsável lembra também que "os serviços gráficos geram receitas próprias". Nos dois últimos anos, a UBI canalizou para este departamento, cerca de 67 mil euros, verba que viria a gerar 134 mil euros. No corrente ano "existe já um investimento considerável que ronda os 360 mil euros", adianta Vitor Tomás. Este responsável espera, por isso, "rentabilizar as verbas aplicadas nos Serviços Gráficos". Como tal adianta vários projectos importantes que devem ser implementados nos próximos tempos. Projectos que passam por "trabalhar melhor, de forma mais criativa, mais dinâmica e mais rápida". Uma forma de dar "maior impulso às publicações de livros e documentos produzidos pela comunidade científica da UBI". Por último, Vitor Tomás refere também o facto de "se estar a trabalhar na instalação de um espaço gráfico no novo pólo da UBI". A Faculdade de Medicina vai receber "um centro de reprodução de documentos", que para Vitor Tomás "vai aumentar consideravelmente toda a capacidade de produção de cópias e outros serviços gráficos", conclui.



A reprografia beneficiou de uma remodelação ao nível do equipamento

ponto de vista

A órbita intelectual da UBI



> Adriana Braga*

Vindo de Lisboa, depois de um longo caminho em verdes de oliveira e couve, avistam-se as pedras. Pedras altas e sumptuosas que anunciam a mudança do clima, do modo de vida, da paisagem. Ao pé da serra, encosta-se a cidade e abriga uma universidade, uma universidade da beira, uma universidade do interior. As universidades geralmente estão associadas aos grandes centros urbanos, local da diversidade, das trocas, da efervescência cultural. Não obstante o ambiente bucólico da Covilhã, aqui a actividade é intensa. Desde que cheguei, acompanho uma agenda cultural gerada através da UBI, que é surpreendente para uma cidade deste porte. Onde esperava encontrar um professor que desenvolvesse uma actividade de investigação científica de alto nível no meio das pedras por pura excentricidade ou pelo deleite da vida pacata de uma cidadezinha, encontro um centro de excelência em diferentes aspectos. Numa cartografia académica, Lisboa, Coimbra ou Salamanca têm lugar garantido, quase óbvio, mas a conquista de registo para a Covilhã não me parece tarefa fácil. E a UBI tem feito isso pela cidade, pela Beira Interior, por Portugal: mais um ponto de destaque no mapa. Um exemplo da actividade que se realiza por aqui pode ser dado pelas "Jornadas Científicas", seminários realizados pelo Departamento de Comunicação e Artes, que colocam em debate questões actuais em perspectivas diversas na área de interesse. Dispondo de verbas substantivas, cada edição do evento conta com, no mínimo, dois/duas investigadores/as estrangeiros/as que, juntamente com outros/as de vários pontos do País, constituem mesas temáticas. Durante dois dias, o que há de mais avançado nos estudos académicos no tema proposto pelo evento passa pelo ambiente da Sala dos Conselhos. Sem burocracia de inscrições, sem investimento em dinheiro, sem planeamento prévio, estudantes e investigadores/as estão convidados/as a entrar e reciclar os seus conhecimentos, tirar dúvidas, participar do debate em questão.

Entretanto, a organização de umas jornadas encontra dificuldades de várias ordens. Para começar, a reunião de nomes de expressão na cena científica que componham um programa coerente e confluyente com os interesses da comunidade académica local. Em seguida, o contacto e a aceitação dos/as intelectuais inicialmente pretendidos nem sempre chega a concretizar-se na configuração final do programa das jornadas. Se por um lado a Internet facilita o acesso a um banco de dados das pessoas reunidas na mesma área de interesse em todo o mundo, por outro, contactos e relações pessoais são fundamentais para inspirar a confiança do/a convidado/a resultando na aceitação do convite. As agendas sempre cheias dos/as profissionais universitários representam outra barreira a ser ultrapassada pela organização, além de toda a logística necessária envolvida.

Mesmo com todas estas e outras dificuldades a obstar um evento bem sucedido, desde Março de 2002 as jornadas têm trazido investigadores/as de vários pontos do mundo viabilizando intercâmbios e parcerias que tornam a UBI visível num cenário académico mais amplo.

Este mês, durante os dias 4 e 5, a ontologia do cinema foi o tema do debate, a partir de comunicações de investigadores estrangeiros comentadas por professores/as e estudantes da casa. Em Abril, nos dias 15 e 16, a comunicação mediada por computador (CMC) e as identidades contemporâneas serão a pauta em destaque. Entre os/as convidados/as, investigadores/as de Inglaterra, Estados Unidos e de várias universidades portuguesas confrontam teorias e métodos diversos para a compreensão dos fenómenos comunicacionais actuais.

No que concerne à construção do saber no contexto de uma universidade, muitas vezes a tradição e o peso dos séculos soam como garantias de solidez e estabilidade. Entretanto, os séculos também trazem seu ónus: estruturas administrativas arcaicas, conflitos ancestrais, resultando por vezes não em solidez, mas em imobilidade. E a diferença deste modelo seria um ponto distintivo na possibilidade da existência dessas jornadas de elevado nível na Beira Interior: a relativa juventude da UBI dá-lhe a agilidade necessária, em termos administrativos, para que novas ideias e temas entrem na pauta e se tornem debates, discussões – em suma: ar fresco para o intelecto.

De volta, levo na mala de viagem a surpresa do encontro de uma gema preciosa encravada numa Serra da Estrela e a experiência do convívio de uma escola estimulante e enriquecedora para o desenvolvimento de minha investigação, uma cidade que pouco a pouco se inscreve com vigor no mapa académico nacional.

*Doutoranda brasileira em estágio no Labcom da UBI.